

## EXPOSIÇÃO IYÁS: UM OLHAR DA PRESENÇA E O PODER FEMININO NO CANDOMBLÉ NO BRASIL

**Thayane Caroline de Moura**

[caroline.thayane@yahoo.com.br](mailto:caroline.thayane@yahoo.com.br)

(021) 3659-1313 / 8022-3016 / 3344-0869

**Tulani Pereira da Silva**

[tulani.ufrj@hotmail.com](mailto:tulani.ufrj@hotmail.com)

(21) 9218-0100

Companhia Folclórica do Rio – UFRJ

**Resumo:** O presente trabalho busca refletir sobre a presença e o poder da mulher no candomblé de nação ketu no Brasil a partir da exposição Iyás (palavra que na língua yorubá significa Mãe), realizada na Comunidade Terreiro Ilê Asé Odé Omo Oju Omin, que significa Casa de Axé do Filho do Caçador dos Olhos D'Água. Tal exposição tem por objetivo destacar a importância da mulher na manutenção e preservação das tradições que permitiram a disseminação de saberes, conhecimentos e práticas consideradas como base para a construção da identidade e cultura dos afro-descendentes no Brasil. Em muitas sociedades, o homem detém o poder religioso e é apresentado enquanto figura mediadora entre os seres e os deuses. Em outras palavras, somente alguns homens, de uma determinada sociedade, têm o poder de estabelecer a comunicação entre o mundo material e espiritual. A exposição trabalha de maneira artística imagética através de telas em pintura acrílica medindo 80x100 cm, cujo trabalho faz parte das políticas de ação afirmativa realizadas pelo Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação, PADE, projeto de extensão da UFRJ que busca o processo interdisciplinar educativo, cultural, científico e político para combater às desigualdades resultantes do processo de discriminação dirigido a setores vulneráveis da sociedade. Neste sentido, a exposição ilustra a força e o poder da mulher, onde os Orixás estão todos representados em formas femininas, fazendo uma alusão às Yalorixás (Mães-de-Santo) do Brasil, que com sua atuação permitiram que os conhecimentos e fundamentos dos rituais e cerimônias contribuíssem de forma determinante para organização preservação das praticas do candomblé no Brasil e da cultura popular brasileira. Desta forma, torna-se possível imaginar a abrangência do fascínio, a dimensão da surpresa e o próprio estranhamento, no dizer antropológico, do encontro de uma religião em que no lugar do masculino está o feminino. Tanto os estudiosos das religiões de matrizes africanas, quanto as pessoas anônimas, ficam surpresas quando se deparam com a mulher ocupando o lugar principal do sacerdócio.

**Palavras-chave:** candomblé, mulher, gênero.

### Introdução

Este artigo destaca a importância da mulher no Candomblé de nação Ketu no Brasil, ressaltando seu valor através da exposição “Iyás”. O candomblé é um culto de matriz africana que apresenta em suas lideranças a figura feminina, bem como a

manutenção dessa posição através da descendência matriarcal, situando-o como religião que possibilita às mulheres o poder de estar à frente enquanto sacerdotisa, diferente de outras designações (grupos) em que este lugar é privilegiado ao homem. Encontramos ao longo da história da humanidade, diversos aspectos que reforçam a idéia da figura masculina enquanto centro de poder, tanto nos âmbitos social, cultural, político e econômico. No que diz respeito à questão da religiosidade, os homens eram os responsáveis em estabelecer o contato entre os planos material e espiritual, isto é, entre os homens e o divino.

Além de ressaltar a figura feminina, esta exposição vem mostrar o Candomblé como uma cultura formada por um conjunto de tradições que são mantidas ao longo de gerações no Brasil. Todos os saberes formadores da identidade dos afro-descendentes que pertencem a este culto de matriz africana permanecem graças às líderes de terreiro intituladas Yalorixás.

No exercício de manutenção e transmissão dos saberes tradicionais africanos, as mulheres tiveram papel fundamental, uma vez que guardaram nas suas memórias e práticas a cultura africana, entre elas, o saber dos orixás, presente nas ervas, nas águas, na comida, nas rezas, nos ritos, ou seja, na natureza em geral. Embora o culto aos deuses africanos tenha sido proibido no Brasil, ele se manteve, graças às inúmeras ações forjadas pelas yalorixás [...] (CHAGAS, 2009, p.4)

Neste sentido, a exposição Iyás vem traduzir de forma artística imagética um olhar de admiração por essas líderes religiosas, as Yalorixás.

A exposição se deu em dois momentos. Inicialmente, foi apresentada pela primeira vez através da curadoria das telas para o evento “III Encontro com Mestres Populares - UFRJ” realizado pela Companhia Folclórica do Rio – UFRJ, onde estiveram presentes representantes de uma Comunidade Terreiro de candomblé de ketu da zona oeste do Rio de Janeiro, o Asé Ilê Ayê Ojú Odé Igbô (A força da casa do caçador na terra), a Yalorixá Nara de Oxossi.

Posteriormente, foi realizada a curadoria da exposição para o evento “II Seminário de Integração Universidade - Povos de Terreiro – Ilê Asé Odé Omo Oju Omin (Casa de Axé do Filho do Caçador dos Olhos D’Água)” dirigido pelo Babalorixá Rodrigo D’Odé. Evento esse realizado pelo Projeto Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação (PADE). No último evento em que participou, a exposição ganhou grande visibilidade, credibilidade e aceitação devido ao tema do evento e a exposição estarem intimamente relacionados na questão da temática do Candomblé de ketu.

O “Seminário de Integração Universidade – Povos de Terreiro” faz parte de uma das ações afirmativas do Projeto Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação (PADE), cuja intenção é integrar a universidade às comunidades de terreiros, fertilizando novas relações para a pesquisa através de um processo interdisciplinar nos âmbitos político, social, cultural, científico e educativo. O PADE é um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro que se propõe a promover encontros e estudos em defesa da dissolução das desigualdades sociais, decorrentes de um processo de discriminação negativa em relação a determinados setores desfavorecidos da sociedade.

Propomos neste trabalho destacar a importância das mulheres para a manutenção e disseminação de conhecimentos e fundamentos considerados como base de grande relevância para a formação da identidade e cultura do Candomblé no Brasil, bem como ilustrar esse lugar de importância assumido pela figura da Yalorixá através do viés das artes plásticas, traduzido na exposição Iyás.

Este trabalho se justifica devido à magnitude do tema, tomando uma reflexão do papel da mulher no candomblé através das telas da exposição e a valorização dessas figuras enquanto membros de relevância significativa e determinante para que este culto se estabelecesse no Brasil e se mantivesse, preservando seus fundamentos de maneira a contribuir para a construção não só de sua identidade, mas também da identidade da sociedade brasileira.

Entender como o culto do candomblé de ketu se enraizou no Brasil significa reconhecer a presença dessas mulheres enquanto ícone de liderança e exemplo de resistência da cultura do negro.

Além de destacar a posição das Yalorixás como espaço de grande admiração, compreendemos que a exposição traz um diferencial ao propor um trabalho de cunho artístico que expresse o respeito por essas figuras ilustres, possibilitando através da arte apresentar outras abordagens sobre o candomblé através do olhar sensível do pintor sobre a mulher e seu poder, uma forma poética de exaltar essas lideranças.

Para que a exposição fosse produzida, inicialmente foi feito um levantamento a respeito do autor das obras, identificando sua relação com a cultura de matriz africana e com o culto do Candomblé de ketu.

O autor das obras, Alexandre Carvalho, que assina artisticamente como Xandy Carvalho, hoje aos 47anos, é artista plástico, músico, compositor, cantor, poeta e intérprete na Companhia Folclórica do Rio – UFRJ e coordenador do Projeto Pesquisa em Africanidade na Dança-Educação, atuando também como professor auxiliar do Departamento de Arte Corporal na Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ. O autor mantém íntima relação com os cultos de matriz africana desde sua infância, é iniciado no candomblé de ketu há 27 anos e desde 1999 desenvolve trabalhos artísticos relacionados aos cultos de matriz africana. Escreveu o espetáculo “Oduduwa”, compôs cerca de 80 canções entre elas “Senhora dos ventos”, “Tenda de Oxossi” e “Oxum de Dada”. Também exibiu as esculturas “Sou Neguinha” em argila e “Bara africano” esculturas em madeira.

Ainda como metodologia, foi realizado um levantamento bibliográfico relacionado ao tema delineado para pesquisa do assunto cujas telas se referem, a fim de que se tornasse viável o embasamento teórico das questões abordadas.

As telas que compõem a exposição passaram por uma análise partindo do título da obra, investigando qual a temática e poética utilizada acerca da pintura e entrevista realizada com o autor das mesmas, no sentido de capturar sua intenção e sensibilidade em relação às suas criações.

Também como procedimento metodológico, foi feita leitura e debate de artigos, livros e materiais visuais (telas, fotografias e vídeos) para que em desdobramento se redigisse resenhas sobre o material orientado como referência para pesquisa.

## **Os Orixás do Ketu em telas**

Olorun também chamado Olodumare é o Deus supremo, que criou as divindades ou Orixás (*Òrìsà* em yoruba). As centenas de orixás ainda cultuados na África ficaram reduzidos a um pequeno número que é reverenciado em cerimônias: No Brasil, em cada templo religioso são cultuados todos os Orixás, diferenciando que nas casas grandes existe um quarto separado para cada Orixá, nas casas menores são cultuados em um único *quarto de santo* (termo usado para designar o quarto onde são cultuados os Orixás).

Quais são os Orixás que Xandy Carvalho retrata em suas telas homenageando as Iyás – Yalorixás que foram iniciadas em seus cultos? Na África cada Orixá estava ligado originalmente a uma cidade ou a um país inteiro. Tratava-se de uma série de cultos regionais ou nacionais. Alguns dos mais conhecidos e pintados em suas telas: Xangô, Yemanjá, Iansã ou Oiá, Oxum, Ogum, Exu e Oxalá. O panteão yorubá guarda em cada um de seus orixás um fundamento, uma maneira de cultuar suas divindades e atribui a eles um atributo, um domínio de determinado conhecimento e potência da natureza. São as deidades do panteão yorubano de ketu:

***Oxalá:*** Orixá do Branco, da Paz, da Fé;

***Orixanlá ou Obatalá:*** O mais respeitado, o pai de quase todos orixás e criador do mundo e dos corpos humanos;

***Ifá ou Orunmila-Ifa:*** Ifá é o porta-voz de Orunmila, Orixá da adivinhação e do destino;

***Odudua:*** Orixá também tido como criador do mundo, pai de Oranian e dos yoruba;

***Oxalufon:*** Qualidade de Oxalá velho (tipo de Oxalá velho), dono da sabedoria;

***Oxaguian:*** Qualidade de Oxalá jovem (tipo de Oxalá jovem) e guerreiro.

***Exu:*** Orixá mensageiro divino dos oráculos e guardião dos templos, encruzilhadas, passagens, casas, cidades e das pessoas;

***Ogum:*** Manipula o ferro, guerra, fogo. É o orixá da tecnologia;

***Oxóssi:*** Orixá da caça e da fartura;

***Logunedé:*** Orixá jovem, fruto dos atributos de Oxum e Oxossi. Possui o dom da caça e da pesca;

***Xangô:*** Orixá protetor da justiça. Domina o fogo e o trovão;

***Obaluaiyê:*** Orixá da cura. Controla as doenças epidérmicas e pragas;

***Oxumaré:*** Orixá da chuva e do arco-íris, o dono das Cobras;

***Ossaim:*** Orixá das folhas, conhecedor do poder das ervas e seus segredos;

***Ibeji:*** Orixá dos gêmeos;

***Irôco:*** Orixá da árvore sagrada onde se guarda a ancestralidade (gameleira branca no Brasil).

Além das deidades citadas acima, os yorubás cultuam também alguns orixás femininos que correspondem a um grupo chamado Yabás (Orixás femininos). São elas:

**Oyá ou Iansã:** *Orixá dos ventos, relâmpagos, tempestades;*

**Oxum:** *Orixá do amor. Sua potência encontra-se nos rios. Deusa do ouro e do jogo de búzios;*

**Iemanjá:** *Orixá dos lagos, mares e fertilidade, mãe de muitos Orixás;*

**Nanã:** *Orixá feminino dos pântanos e da morte. Cuida da passagem entre os planos material e espiritual, mãe de Obaluaíê;*

**Yewá:** *Orixá feminino do Rio Yewa, do caráter e educação;*

**Obá:** *Orixá feminino do Rio Oba e guerreira, uma das esposas de Xangô.*

Compreendemos que a exposição Iyás tem o potencial de abordar de maneira artística, ainda que parcialmente, a complexidade do panteão yorubano, tendo em vista que sua totalidade pertence a um conjunto de fundamentos que se apresentam de maneira minuciosa.

Através das telas, pode-se depreender que ela expressa com clareza e sensibilidade, a grandeza e significância do poder feminino e, sobretudo das sacerdotizas, as yalorixás para o candomblé de ketu no Brasil.

Portanto, pode-se inferir que tanto as pinturas quanto este artigo que as descreve servem de grande valorização da cultura afrodescendente e das comunidades de terreiro distribuídas pelo país, expressando imenso agradecimento e respeito à todas as figuras que compõem o cenário de contribuição para formação da identidade brasileira.

## Referências

BASTOS, Ivana Silva. 2009. A visão do Feminino nas Religiões Afro-Brasileiras. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, nº 14 - Setembro, p. 156 – 165.

BERNARDO, Terezinha. 2005. O Candomblé e o Poder Feminino. REVER – Revista de Estudos da Religião, nº 2, p. 1 – 21.

BROWN, Diana, 1985. Uma história da umbanda no Rio de Janeiro. In Umbanda & Política. Caderno do ISER (Intituto de Estudos de Religião) nº18. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero.

CHAGAS, Waldeci Ferreira, 2009. As Yalorixás e manutenção dos Terreiros como espaço de produção e disseminação de saber. In II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais – Cultura, leituras e representações. UEPB.

CUCHE, Denys, 1999. A noção de cultura nas sociais. Paris: Edusc.

FONSECA, Eduardo Pacheco de Aquino, 1999. Candomblé: a dança de vida; um estudo antropológico sobre afiliação à religiões afro-brasileiras. Recife: FJN, Ed. Massangana.

LANDES, Ruth. A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

LIMA, Vivaldo da Costa, 1984. Nações de Candomblé. In Encontro de Nações de Candomblé. Salvador, Centro de Estudos Afro-asiáticos da UFBA e Ianamá.

ROCHA, Agenor Miranda, 2000. As Nações Kêtu: origes, ritos e crenças: os candomblés antigos do Rio de Janeiro. 2ª Ed. Ampliada Mauad.